



A especificidade da caracterização de Agamêmnon em *As Troianas*, de Sêneca

The singularity of Agamemnon's characterization in Seneca's *Troades*

Zelia de Almeida Cardoso¹

e-mail: zlvdacar@usp.br

orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9525-9522>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v8i1.33931>

RESUMO: Presente em numerosos textos épicos e dramáticos, Agamêmnon figura também como personagem na tragédia senequiana *As troianas*. Embora fundamental para o desenvolvimento da ação, sua presença no texto é bastante rápida e se reduz a um diálogo que ele mantém com Pirro, o filho de Aquiles, no primeiro episódio (*Tro.* 249-352). Nesse diálogo, o discurso fornece os elementos que permitem a caracterização de Agamêmnon. O rei de Micenas apresenta-se de início como um pensador ponderado e clemente, que faz considerações de caráter filosófico sobre o poder e o dever. Em seguida, consciente de sua autoridade, afirma que não admitirá o sacrifício de Políxena, reivindicado por Pirro. Diante das provocações de seu jovem interlocutor, entretanto, ele passa a adotar um tom agressivo e vulgar, mas faltando-lhe argumentos, renuncia à decisão de poupar a vida de Políxena e a submete ao desígnio dos deuses. Comparado com as fontes e com governantes construídos pelo próprio Sêneca nas demais tragédias, o Agamêmnon de *As troianas*, por sua pluralidade de traços, pode ser considerado como um caráter dotado de grande originalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sêneca; tragédia latina; *As troianas*; Agamêmnon; caracterização

ABSTRACT: Present in several epic and dramatic works, Agamemnon also features in Seneca's tragedy *Troades*. Even though essential for the action development, Agamemnon's presence in that text occurs rather briefly, comprising only one dialog he holds with Pyrrhus, the son of Achilles, in the first episode (*Tro.* 249-352). In that dialog, the discourse provides the elements for Agamemnon's characterization. The king of Mycenae introduces himself at first as a reasonable thinker and a merciful monarch, who reflects upon the philosophic nature of power and duty. As the tragedy unfolds, Agamemnon aware of his authority as a king, claims that he will not allow Polyxena's sacrifice, requested by Pyrrhus. In light of his young interlocutor's provocations, however, he adopts an aggressive and vulgar tone. Yet, without arguments, he renounces his previous decision of sparing Polyxena's life; instead, he submits it to the divine will. Compared with the sources and with other depictions of kings created by the author in his works, Agamemnon in *Troades* can be considered a character of great originality due to his multiple features.

KEYWORDS: Seneca; Latin tragedy; *Troades*; Agamemnon; characterization

¹ Professora Titular Sênior de Língua e Literatura Latina da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa "Estudos sobre o Teatro Antigo", certificado pela USP e pelo CNPq. Sócia honorária da SBEC. Membro honorário da Sociedade Brasileira de Retórica. O presente ensaio foi realizado a partir de pesquisa intitulada *Política, poder e cidadania na tragédia latina*, contemplada com Bolsa-pesquisa, pelo CNPQ, pela qual se reiteram os agradecimentos.



Ao analisar a caracterização de Agamêmnon na tragédia *As troianas*, de Sêneca, ou seja, ao procurar estabelecer, conforme Temmerman e Boas², o conjunto dos traços que lhe definem o “caráter”, verificamos, de imediato, que tal caracterização é específica e original, por diferenciar-se o personagem tanto dos demais soberanos presentes nas tragédias senequianas, como também de outras figurações do rei de Micenas que, desde a *Ilíada*, são apresentadas em textos épicos e dramáticos greco-latinos.

A construção dos governantes nas tragédias referidas é bastante diversificada. Poderíamos afirmar que eles formam uma verdadeira galeria tipológica, na qual cada “tipo” constitui um exemplo único. A posição de Sêneca em relação ao poder é instigante. Ao contrário do que se esperaria de um estoico, ele não condena o poder absoluto de um chefe de estado. Assim como em *Sobre a clemência*³, tratado escrito quando participava na vida política como conselheiro de Nero, não há críticas negativas ao sistema absolutista, Sêneca limita-se, nas tragédias, às vezes de forma evidente, às vezes apenas em sugestões, a censurar o comportamento dos maus mandatários⁴. Daí a preconização das virtudes que o governante deveria ter e que dele fariam um “bom rei”, oposto ao “mau tirano”.

São poucos, porém, os exemplos de “bons reis” nos textos trágicos senequianos; na maior parte dos casos, os personagens que detêm o poder têm os nítidos traços que caracterizam os déspotas. Um exemplo de bom soberano, segundo alguns críticos, seria o Agamêmnon de *As troianas*, por pregar a clemência e a moderação, tal como o tragediógrafo recomenda a Nero em *Sobre a clemência*⁵.

O papel do rei de Micenas é pequeno, no texto, embora decisivo para o desenrolar da trama. Agamêmnon faz sua incursão na tragédia na segunda cena do primeiro episódio⁶ (*Tro.* 203-370),

² TEMMERMAN e BOAS (2017, p. 2) consideram o “caráter”, de forma “singela”, segundo dizem, como um conjunto de traços morais, mentais, sociais e pessoais, relativamente estáveis, pertencentes a um personagem teatral. A palavra “caracterização”, por sua vez, para aqueles autores, pode ser compreendida como a maneira segundo a qual tais traços são apresentados aos receptores nas obras dramáticas.

³ Cf. SÊNECA/SALÚSTIO, 1990, p. 52 ss.

⁴ Cf. CARDOSO, 2005, p. 145 ss.

⁵ SÊN. *Clem.* 3, 2; 4.

⁶ Atualmente, entre os estudiosos das tragédias latinas, é comum considerar-se o prólogo, os atos centrais e o êxodo como episódios. Preferimos manter a nomenclatura aristotélica (*Poét.* 1452b), que considera o prólogo como “uma parte completa da tragédia que precede a entrada do coro”, os episódios como “partes completas entre dois corais” e o êxodo como “uma parte completa, à qual não sucede canto do coro”. Cf. ARISTÓTELES, 1962, p. 65. Dessa forma, o primeiro episódio de *As troianas* se situaria entre o párodo e o primeiro estásimo, do verso 163 ao 370, sendo composto de três cenas (*Tro.* 163-202; 203-359; 360-70).

mantendo um diálogo com Pirro, o filho de Aquiles⁷, logo após a fala de um arauto grego, na qual este relatara a visão que acabava de ter; conforme o que disse, ele vira o espírito do herói tessálico a sair dos infernos, reclamando por uma recompensa equivalente às que foram oferecidas aos chefes vivos; já que estes haviam recebido uma escrava como prêmio, a sombra de Aquiles exigia que uma virgem troiana lhe fosse sacrificada sobre o túmulo, escolhendo para essa oferenda a jovem Políxena, filha de Príamo e Hécuba.

O insólito da exigência e a enormidade do crime – pois que não passava de delito hediondo o sacrifício de um ser humano – não causaram espanto a Pirro, que irrompe em cena, imediatamente após a saída do arauto, iniciando um embate verbal com Agamêmnon e reivindicando a satisfação do desejo do pai. É nesse diálogo que se verificam os dados importantes para a caracterização do rei na tragédia em questão.

A primeira fala de Pirro (203-49) – um longo monólogo, na verdade, com mais de quarenta versos – é uma acusação preliminar ao Atrida, seguida da exigência do cumprimento da vontade do pai. Pirro se justifica, exaltando a memória de Aquiles e rememorando seus feitos grandiosos.

A resposta de Agamêmnon começa a delinear seus traços. Dirigindo-se ao jovem petulante e audacioso, num tom ponderado e grave, ele inicia seu discurso com uma observação dogmática, de caráter geral (250): “É um defeito dos moços não poder dominar os ímpetos”⁸.

A seguir, num desdobramento comum nas digressões de caráter filosófico, a afirmação generalizante conduz a uma exemplificação particular em que Agamêmnon amplia a reflexão inicial, excluindo Pirro de um conjunto comum e aludindo a uma questão de hereditariedade de caracteres que ele assinala em seu interlocutor (251-3):

O primeiro ardor da mocidade arrasta os outros;
o paterno, Pirro. Tempos atrás eu suportei tranquilo
o temperamento rude e as ameaças do orgulhoso eácida.⁹

A referência à tranquilidade – virtude estoica por excelência – leva Agamêmnon a enveredar por considerações teóricas sobre a natureza e a efemeridade do poder, interrompidas por uma pergunta

⁷ De acordo com a lenda mítica, quando Aquiles era menino, Tétis, sua mãe, com o intuito de salvá-lo de uma morte na juventude, anunciada por um oráculo, escondeu-o na ilha de Ciro, disfarçando-o com vestes femininas. Ali ele viveu em companhia das filhas do rei Licomedes e apaixonou-se por uma delas, Deidamia. Da ligação de ambos nasceu Neoptólemo ou Pirro (Cf. GRIMAL, 1951, *s/v. Lykomedes*).

⁸ *Iuvenile uitium est regere non posse impetum* (Tro. 250). As traduções dos trechos de *As troianas* são de nossa responsabilidade (ver SÊNECA, 2014). Transcrevemos em notas o texto latino correspondente às traduções tal como é apresentado em SÊNEQUE, 1971.

⁹ *Aetatis alios feruor hic primus rapit, / Pyrrhum paternus. Spiritus quondam trucis / minasque tumidi lentus Aecidade tuli* (Tro. 251-3). A utilização do epíteto *Eácida*, descendente de Éaco, usualmente empregado para designar Peleu, Aquiles, Pirro, e outros descendentes do filho de Zeus, acentua a ideia de hereditariedade de caracteres mencionada por Agamêmnon.

que visa a inserir o interlocutor na discussão, tornando-o partícipe das ideias expostas e alvo das ponderações que faz (254-9):

Quanto maior for teu poder, mais deves suportar pacientemente.
Por que desejas respingar com um assassínio a nobre sombra
de um chefe ilustre? É preciso que se saiba, em primeiro lugar,
o que o vencedor deve fazer e o vencido sofrer.
Ninguém mantém por muito tempo um poder violento:
o poder moderado é duradouro.¹⁰

Em seguida, ele menciona o papel da Fortuna, evocando as incertezas do homem em relação à vida (259-63):

Embora a Fortuna enalteça
a força humana e a ponha no ponto mais elevado,
é preciso que aquele que é feliz se modere tanto mais
e tema as adversidades incertas, desconfiando dos deuses
que favorecem excessivamente.¹¹

Da generalidade doutrinária, Agamêmnon passa para seu caso particular, incluindo-se na própria fala e exemplificando o pensamento teórico por meio de sua experiência pessoal (263-9):

Aprendi, vencendo, que as grandes coisas
podem ser destruídas em um momento. Troia nos torna orgulhosos
e por demais arrogantes? Nós, os dânaos, estamos no mesmo lugar
de onde ela caiu. Eu o confesso: orgulhoso do poder,
e violento, eu me conduzi, outrora, além da medida.
Afastou a minha arrogância o mesmo motivo
que poderia ter dado coragem a outros: o favor da Fortuna.¹²

E acrescenta, em tom monológico, o que depreendeu de sua experiência pessoal, dirigindo-se em apóstrofe ao velho rei de Troia, num recurso retórico (270-5):

¹⁰ *Quo plura possis, plura patienter feras./ Quid caede dira nobiles clari ducis/ aspergis umbras? Noscere hoc primum decet,/ quid facere victor debeat, uictus pati./ Violenta nemo imperia continuit diu,/ moderata durant (Tro. 254-9).*

¹¹ *Quoque Fortuna altius/ euexit ac leuauit humanas opes,/ hoc se magis suppressere felicem decet/ uariosque casus tremere metuentem deos/ nimium fauentes (Tro. 259-63).*

¹² *Magna momento obrui/ uincendo didici. Troia nos tumidos facit/ nimium ac feroces? Stamus hoc Danaï loco/ unde illa cecidit. Fateor, aliquando impotens/ regno ac superbus altius memet tuli;/ sed fugit illos spiritus haec quae dare/ potuisset aliis causa, Fortunaē fauor (Tro. 263-9).*

Tu me tornas soberbo, Príamo? Tu me tornas temeroso.
Poderia eu pensar que os cetros são algo mais que uma palavra,
revestida de um brilho inútil, e que minha cabeleira se ornamenta
com algo mais que um falso grilhão? Um rápido revés roubará
tudo isso e talvez não com mil navios ou em dez anos.
Não é a todos que a Fortuna ameaça com tanta lentidão!¹³

Dois pontos nos chamam a atenção na fala filosófica do rei: as considerações que ele faz em relação ao poder, submetido à inconstância da Sorte¹⁴, e os comentários sobre as atitudes que o soberano deve assumir perante o vencido: ser paciente, tolerante e justo, usando da moderação.

A seguir, muito embora procure aparentemente justificar-se, Agamêmnon mostra que se arrepende por ter querido a derrota dos troianos e por não se ter oposto à destruição da cidade (276-85):

Sim, eu confessarei – seria preciso que isto fosse dito por tua paz,
ó terra argiva! –, eu quis que os frígios fossem esmagados
e vencidos. Oxalá eu tivesse impedido a demolição
e o arrasamento. Entretanto, não pôde ser refreada
a fúria, o inimigo inflamado e a vitória unida à noite.
Tudo que pôde parecer indigno ou selvagem,
a quem quer que seja, o ódio o fez, e as trevas
nas quais se excita o próprio furor,
e a espada vencedora cuja avidez se torna insaciável
desde que ela se ensanguenta uma única vez!¹⁵

E para finalizar o longo monólogo, contido no diálogo com Pirro, ele demonstra sua decisão de forma aparentemente irrefutável (285-91):

Que permaneça tudo
que pode subsistir de Troia destruída! A cobrança dos castigos

¹³ *Tu me superbum, Priame, tu timidum facis?/ Ego esse quicumque scepra nisi uano putem/ fulgore tectum nomen et falso comam/ uinclo decentem? Casus haec rapiet breuis/ nec mille forsan ratibus aut annis decem:/ non omnibus fortuna tam lenta imminet* (Tro. 270-5).

¹⁴ A referência à inconstância da Sorte lembra as palavras com que Hécuba inicia o prólogo: *Quicumque regno fidit et magna potens/ dominatur aula nec leues metuit deos/ animumque rebus credulum laetis dedit,/ me uideat et te, Troia: non umquam tulit/ documenta fors maiora quam fragili loco/ starent superbi* (“Todo aquele que confia em seu trono e reina, poderoso,/ num grande palácio, e não teve receio dos deuses inconstantes/ e se entregou de espírito crédulo a coisas alegres,/ que me veja a mim e a ti, Troia! Nunca a Sorte apresentou/ provas maiores de como os soberanos se assentam/ sobre tão frágil base!”) (Tro. 1-5).

¹⁵ *Equidem fatebor (pace dixisse hoc tua,/ Argiua tellus, liceat) affligi Phrygas/ uincique uolui; ruere et aequari solo/ utinam arcuissem! Sed regi frenis nequit/ et ira et ardens hostis et uictoria/ commissa nocti. Quicquid indignum aut ferum/ cuiquam uideri potuit, hoc fecit dolor/ tenebraeque, per quas ipse se irritat*

foi suficiente e mais que suficiente. Que uma virgem real morra e seja oferecida como prêmio a um túmulo e regue (com sangue) as cinzas e que chamem de casamento ao crime atroz de um assassínio, eu não permitirei. A culpa de todos voltar-se-á contra mim. Quem não impede um crime, quando pode, o ordena.¹⁶

Na pergunta feita por Pirro a Agamêmnon, depois desse pronunciamento, a decepção e o desconcerto do jovem se extravasam (292): “Então os manes de Aquiles não receberão nenhuma recompensa?”¹⁷

Agamêmnon não vacila na resposta (293-7):

Receberão e todos o celebrarão com louvores
e as terras desconhecidas ouvirão seu grande nome.
Pois se as cinzas devem ser reconfortadas com sangue derramado,
os rebanhos da Frígia, de gordas cervizes, serão imolados
e o sangue correrá sem que mãe alguma precise chorar!¹⁸

E ele conclui seu pronunciamento, com uma interrogação e um conselho (298-300):

Que costume é este e em que tempos um ser humano é sacrificado
a outro ser humano, em exéquias? Poupa hostilidade e ódio
a teu pai, para quem exiges a homenagem de um sacrifício.¹⁹

Pirro não se intimida e responde agressivo, aludindo às atitudes controversas de Agamêmnon, a sua conhecida lascívia, a sua covardia e à ambição que muitas vezes o moveu (301-5):

Ó tirano de reis, orgulhoso quando a estabilidade das coisas
favoráveis exalta os teus sentimentos, covarde quando o medo
levanta a sua voz! Trazes outra vez o coração incendiado
pelo amor costumeiro de uma nova amante?²⁰
Carregarás sozinho, tantas vezes, o espólio de todos nós?²¹

¹⁶ *furor/ gladiusque felix, cuius infecti semel/ uecors libido est (Tro. 276-85).*

¹⁷ *Quicquid euersae potest/ superesse Troiae maneat: exactum satis/ poenarum et ultra est. Regia ut uirgo occidat/ tumuloque donum detur et cineres riget/ et facinus atrox caedis ut thalamos uocent,/ non patiar. In me culpa cunctorum redit:/ qui non uetat peccare, cum possit, iubet (Tro. 286-91).*

¹⁸ *Nullumne Achillis praemium manes ferent? (Tro. 292).*

¹⁹ *Ferent et illum laudibus cuncti canent/ magnumque terrae nomen ignotae audient/ Quod si leuatur sanguine infuso cinis/ opima Phrygii colla caedantur greges/ fluatque nulli flebilis matri cruor (Tro. 293-7).*

²⁰ *Quis iste mos est, quando in inferias homo est/ impensus hominis? (Tro. 298-300).*

²¹ Pirro parece insinuar que Agamêmnon se apaixonara por Políxena.

²² *O tumide, rerum dum secundarum status/ extollit animos, timide, cum increpuit metus,/ regum tyranne! Etiamne flammatum geris/ amore solito pectus ac ueneris nouae?/ Solus totiens spolia de nobis feres? (Tro. 301-5).*

E, ao concluir sua fala, ameaça o rei, evocando a morte de Príamo, abatido por sua espada (306-10):

Com esta mão, eu oferecerei a Aquiles a sua vítima.
Se a negas e a reténs, oferecer-lhe-ei uma vítima ainda maior
e digna de que Pirro a ofereça. Há já muito tempo
que minha mão se abstém de uma morte real.
Príamo exige um par.²²

A insolência do jovem faz com que o tom do discurso de Agamêmnon – ponderado e bem argumentado até então – comece a modificar-se. Um acento de ironia, a princípio sutil, mas, em seguida, mais sensível, ponteia suas palavras na resposta que dá a Pirro (310-3):

Com efeito! Não nego
ser essa a maior glória de Pirro na guerra:
Príamo jaz trespassado, por tua espada cruel,
o suplicante de teu pai!²³

O filho de Aquiles não se desconcerta, porém, e, ao revidar, refere-se mais uma vez à covardia de Agamêmnon (313-7):

Sei que os próprios inimigos
foram suplicantes de meu pai. Príamo, todavia, suplicou,
estando pessoalmente presente; tu, aterrorizado por grande medo
e não tendo coragem de pedir, lhe enviaste as súplicas de Ájax
e do Ítaco, enquanto ficavas protegido, temendo o inimigo.²⁴

O diálogo prossegue, com agressões verbais, agora de lado a lado. Agamêmnon responde e, continuando a pontear de ironia sua fala, rememora a ausência voluntária de Aquiles, que se retirara da guerra (318-21):

Teu pai, porém, nessa ocasião, não tinha medo, eu concordo,
e no meio da hecatombe da Grécia e dos navios queimados,

²² *Hac dextra Achilli uictimam reddam suam/ Quam si negas retinesque, maiorem dabo/ dignamque quam det Pyrrhus; et nimium diu/ a caede nostra regia cessat manus/ paremque poscit Priamus* (Tro. 292-310).

²³ *Haud equidem nego/ hoc esse Pyrrhi maximum in bello decus,/ saeuo peremptus ense quod Priamus iacet/ supplex paternus* (Tro. 310-3).

²⁴ *Supplices nostri patris/ hostesque eosdem nouimus. Priamus tamen/ praesens rogauit; tu, graui pavidus metu,/ nec ad rogandum fortis, Aiaci preces/ Ithacoque mandas, clausus atque hostem tremens* (Tro. 313-7).

estendia-se indolente, esquecido da guerra e dos exércitos,
tocando com o delicado plectro a cítara harmoniosa.²⁵

Pirro retorque (322-4):

Foi nessa ocasião que o valoroso Heitor, desprezando
as tuas armas, teve medo do canto de Aquiles; e no meio de um pavor
tão grande havia profunda paz nos navios da Tessália.²⁶

Agamêmnon volta a responder, continuando seu discurso (325-6):

Nesses mesmos navios tessálicos, indiscutivelmente,
a paz foi também profunda para o pai de Heitor.²⁷

A partir dessa fala, o tom polêmico do diálogo se acentua ainda mais. Pirro justifica a misericórdia de Aquiles, em relação a Príamo, e Agamêmnon, por meio de perguntas, tenta fazer o jovem cair em si e reconhecer sua própria indignidade. Valendo-se dos mesmos recursos empregados pelo rei, Pirro replica por meio de uma frase feita (327): “É próprio de um rei altivo conceder a vida a outro rei.”²⁸ E Agamêmnon responde com uma pergunta (328): “Por que então a tua mão arrancou a vida de um rei?”²⁹ Pirro continua (329): “Muitas vezes um ser misericordioso concede a morte em lugar da vida”³⁰. E Agamêmnon insiste no tom interrogativo (330): “E agora, como ser misericordioso, exiges uma virgem para um túmulo?”³¹

Pirro acrescenta à pergunta outra indagação paralela, evocando o sacrifício de Ifigênia. As posições se invertem e o rei passa a ser o interpelado, o que deverá justificar-se (331): “E agora julgas que é um crime serem imoladas as virgens?”³². Agamêmnon retoma o tom dogmático e responde com uma afirmação sentenciosa (332): “É necessário que um rei ponha a pátria acima dos filhos.”³³

²⁵ *At non timebat tunc tuus, fateor, parens, / interque caedes Graeciae atque uastas rates / segnis iacebat belli et armorum immemor, / leui canoram uerberans plectro chelyn (Tro. 318-21).*

²⁶ *Tunc magnus Hector, arma contemnens tua, / cantus Achillis timuit, et tanto in metu / naualibus pax alta Thessalicis fuit (Tro. 322-4).*

²⁷ *Nempe isdem in istis Thessalis naualibus / pax alta rursus Hectoris patri fuit (Tro. 325-6).*

²⁸ *Est regis alti spiritum regi dare (Tro. 327).*

²⁹ *Cur dexa regi spiritum eripuit tua? (Tro. 328).*

³⁰ *Mortem misericors saepe pro uita dabit (Tro. 329).*

³¹ *Et nunc misericors uirginem busto petis? (Tro. 330).*

³² *Iamne immolari uirgines credis nefas? (Tro. 331).*

³³ *Praeferre patriam liberis regem decet (Tro. 332).*

O duelo verbal se prolonga, em esticomitia³⁴ – procedimento retórico bastante usual em Sêneca –, dando oportunidade aos dois interlocutores de expressar suas ideias com agilidade, por vezes em versos que correspondem a máximas. Agamêmnon continua a representar, nesse trecho, o rei clemente e cômico de seus deveres; Pirro é o tirano em potencial, o jovem que, com suas palavras, demonstra partilhar das ideias que norteiam as ações dos soberanos despóticos e cruéis. “Nenhuma lei poupa o vencido ou impede que seja castigado”³⁵ (333), diz ele.

Agamêmnon retifica (334): “O que a lei não proíbe que seja feito, proíbe-o a honra”³⁶. Pirro acrescenta (335): “É permitido ao vencedor fazer o que desejar.”³⁷ Agamêmnon conclui, fechando o discurso com um preceito final (336): “É preciso que deseje o mínimo quem pode desejar muito.”³⁸

As palavras do rei exasperam o filho de Aquiles que passa a evocar-lhe os erros passados e a lembrar antigos crimes perpetrados pela família dos Pelópidas. Agamêmnon, então, surpreendentemente, entra no jogo de Pirro, deixando de lado o tom filosófico e ponderado de asserções anteriores e revidando as ofensas pessoais com outras ofensas, também pessoais, e com ironias que se tornam cada vez mais agressivas.

Em resposta à pergunta formulada pelo jovem (337-8) – “São estas as palavras que atiras aos que Pirro libertou do jugo/ após terem sido oprimidos durante dez anos, por uma pesada tirania?”³⁹ –, Agamêmnon propõe nova indagação, sugerindo a pouca importância da ilha de Ciro, berço do filho de Aquiles (339): “É Ciro que te confere este orgulho?”⁴⁰

Pirro retruca enfaticamente (339), evocando Atreu, o pai de Agamêmnon, em sua terrível vingança contra Tiestes: “Ciros não tem irmãos unidos pelo crime”⁴¹. Agamêmnon tenta responder, mas só encontra um argumento pífio: “Está enclausurada nas ondas”⁴² (340). O filho de Aquiles se vale da ideia expressa e diz, em uma autoexaltação que envolve a figura de Aquiles, filho de Tétis (340-1):

Pois somos parentes do mar.
Quanto à nobre casa de Atreu e Tiestes, eu a conheço.⁴³

³⁴ A esticomitia consiste no uso de falas curtas, cada uma delas contida num único verso. Sêneca por vezes emprega duas falas num mesmo verso e, em casos extremos, quatro falas (Cf. *Med.* 168-173).

³⁵ *Lex nulla capto parcat aut poenam impedit* (Tro. 333).

³⁶ *Quod non uetat lex, hoc uetat fieri pudor* (Tro. 334).

³⁷ *Quodcumque libuit facere uictoti licet* (Tro. 335).

³⁸ *Minimum decet libere cui multum licet* (Tro. 336).

³⁹ *His ista iactas quos decem annorum graui/ regno subactos Pyrrhus exsoluit iugo?* (Tro. 337-8). Pirro insinua que a morte de Príamo, assassinado por ele, pôs fim à guerra de Troia.

⁴⁰ *Hos Scyros animos?* (Tro. 339). As palavras de Agamêmnon deixam transparecer um tom sarcástico uma vez que Ciro era uma ilha do Egeu, sem grande relevância histórica ou política.

⁴¹ *Scelere quae fratrum caret* (Tro. 339). Pirro faz uma alusão clara aos crimes perpetrados por Atreu e Tiestes.

⁴² *Inclusa fluctu* (Tro. 340).

⁴³ *Nempe cognati maris:/ Atrai et Thyestae nobilem noui domum* (Tro. 340-1). Pirro alude ao fato de Aquiles ser filho de Tétis, uma das nereidas.

Os fracos argumentos do rei continuam a manifestar-se (342-3):

Tu, que foste concebido pelo estupro clandestino de uma virgem!
Filho de Aquiles, mas de quando ele ainda não era homem!⁴⁴

Pirro retoma as palavras de Agamêmnon e aproveita a oportunidade para celebrar, mais uma vez, a figura do pai (344-6):

Daquele Aquiles que, por seu nascimento, possuiu o universo,
dividido por todo o reino dos celícolas: a água, por Tétis;
as sombras, por Éaco; o céu, por Júpiter.⁴⁵

Diante da referência a tal ancestralidade, Agamêmnon evoca a natureza humana do herói tésalo, justapondo sua frase à do jovem, em paralelismo, e dizendo em uma espécie de continuação (347): “Daquele Aquiles que tombou, ferido pela mão de Páris!”⁴⁶ Pirro rebate (348): “Aquele a quem nenhum dos deuses ousou atacar frente a frente!”⁴⁷

Sentindo possivelmente a fragilidade de sua argumentação, Agamêmnon reafirma seu apreço à clemência e a aproxima de outra virtude – a religiosidade –, apelando para uma solução que não dependeria do poder real. Encerrando sua fala, chama em seu auxílio por um poder maior, o poder divino, e, com isso, se exime de responsabilidade pelo que vier a acontecer (349-352):

Na verdade, eu poderia reprimir tuas palavras e dominar
tua audácia com um castigo, mas minha espada sabe perdoar
até mesmo os cativos. Que antes se chame Calcante,
o intérprete dos deuses: se os destinos o exigirem, eu cederei.⁴⁸

A caracterização de Agamêmnon é bastante especial, como se pode depreender da análise do discurso por ele sustentado. Ao defrontar-nos com o rei temos inicialmente a impressão de que estamos diante da razão, da ponderação de um filósofo. Suas primeiras falas, respondendo às invectivas de

⁴⁴ *Ex uirginis concepte furtiuo stupro/ et ex Achille nate, sed nondum uiro* (Tro. 342-3).

⁴⁵ *Illo ex Achille, genere qui mundum suo/ sparsus per omne caelitum regnum tenet/ Thetide aequor, umbras Aeaco, caelum Ioue* (Tro. 344-6). Conforme o mito, por parte de Tétis, sua mãe, Aquiles descende de Nereu, filho de Ponto, o mar, e de Dóris, filha de Oceano; por parte de Peleu, seu pai, descende de Éaco, juiz do inferno e filho de Júpiter.

⁴⁶ *Illo ex Achille qui manu Paridis iacet* (Tro. 347).

⁴⁷ *Quem nec deorum comminus quisquam petit* (Tro. 348).

⁴⁸ *Compscere equidem uerba et audacem malo/ poteram domare; sed meus captis quoque/ scit parcere ensis. Potius interpres deum/ Calchas uocetur; fata si poscent, dabo* (Tro. 349-52).

Pirro, revelam seriedade, racionalização. O discurso se baseia em princípios defendidos pela doutrina estoica⁴⁹.

Após considerações impessoais sobre o poder, a vitória, o direito dos vencedores, a inconstância da grandeza, o discurso assume um tom individualizado. As máximas de caráter geral vão ser exemplificadas com casos particulares. Quando ele se dirige figuradamente ao rei de Troia, morto na guerra, a pergunta que lhe faz – “Tu me tornas soberbo, Príamo?” – e a resposta que ele mesmo dá – “Tu me tornas temeroso” (270) – parecem corresponder a uma espécie de reconhecimento de sua função de governante. Com base no que ele diz, tem-se a impressão de que a voz do filósofo vai ser substituída pela do rei que tem consciência da precariedade de sua condição e humildade para reconhecer seus erros, mas que, ao mesmo tempo, sabe mostrar-se autoritário, embora clemente e justo. É o que ocorre quando ele diz que “a cobrança dos castigos foi suficiente e mais do que suficiente” (286-7), acrescentando peremptoriamente: “Que uma virgem real morra/ e seja oferecida como prêmio a um túmulo e regue (com sangue) as cinzas/ e que chamem de casamento ao crime atroz de um assassinio,/ eu não permitirei” (287-90).

O ponto culminante dessa voz soberana reside na expressão final “eu não permitirei” (*non patiar*), colocada, de forma enfática, no fim do período, na qual o incisivo da primeira pessoa do singular encontra correspondente no incisivo do futuro. A determinação de Agamêmnon parece ser tal, que provoca, nesse momento, uma espécie de relaxamento da própria tensão dramática da tragédia. Tem-se a impressão de que as coisas vão tomar um rumo diferente do previsto. Segue-se, porém, o duelo verbal de que já falamos, quando cada um dos interlocutores procura atingir o outro num ponto vulnerável, nenhum se inquietando com a lógica ou com a razão dos argumentos que utiliza. Para encerrar o diálogo, na falta de embasamento mais sólido, Agamêmnon relembra sua condição de mandante, dono de altos poderes, capaz de castigar, mas também de perdoar, e propõe a solução alternativa em que recua de sua decisão anterior: “Que antes se chame Calcante,/ o intérprete dos deuses: se os destinos o exigirem, eu cederei” (351-352).

Como explicar a incoerência entre o “eu não permitirei” (*non patiar*) do verso 290 e o “se os destinos o exigirem, eu cederei” (*fata si poscent, dabo*) do verso 352? A atitude religiosa, a submissão do homem aos deuses poderia ser uma explicação? Ora, sabe-se que a tragédia de Sêneca não se revestia do caráter religioso que marcou de forma significativa a tragédia grega dos primeiros tempos, notadamente a de Ésquilo. Em Sêneca, a intervenção dos deuses é mínima e os próprios personagens

⁴⁹ Vejam-se, por exemplo, as *sententiae* presentes em algumas das falas do rei: “É um defeito dos moços não poder dominar os ímpetos.” (*Tro.* 250); “Quanto maior for teu poder, mais deves suportar pacientemente.” (*Tro.* 254); “É preciso que se saiba antes de mais nada o que o vencedor deve fazer e o vencido sofrer.” (*Tro.* 256-7); “Ninguém mantém por muito tempo um poder violento: o poder moderado é duradouro.” (*Tro.* 263-264).

têm por vezes consciência da insignificância do poder divino⁵⁰. A explicação parece estar na própria construção do *ethos* do rei. Agamêmnon, embora se apoie em princípios doutrinários, é caracterizado em *As troianas* como um homem instável, incapaz de tomar posições firmes e de decidir de forma cabal. Ao sugerir que Calcante fosse chamado, transfere para ele sua decisão. Desaparecera antes o filósofo, vencido pela arrogância e pela impertinência de um jovem petulante e destemido; desaparece o rei no momento em que ele abre mão de seu poder.

Quando Calcante atende ao chamado e se pronuncia, exigindo o sacrifício de Políxena e acrescentando-lhe o de Astíanax, definindo as duas linhas de ação que a tragédia tomará, Agamêmnon nada diz em resposta e sai de cena para não mais voltar.

Quem é esse Agamêmnon, afinal? poderíamos perguntar. Um rei fraco vestido de filósofo? Um covarde fantasiado de poderoso, de clemente, de justiceiro? Um brinquedo dos deuses?⁵¹

Embora já tenha sido considerado um soberano generoso, moderado e bom, cujo discurso é nobre e cuja sabedoria consiste em chamar o adivinho ao invés de decidir a querela com Pirro pela força das armas, o que o texto nos mostra é a figura de um homem que, a princípio, baseia sua dialética em uma argumentação aparentemente segura, ponderada e racional. Os contra-argumentos, entretanto, pouco a pouco solapam sua segurança, sua ponderação, seu racionalismo. E os argumentos se vão empobrecendo, vão perdendo a consistência, vão-se transformando em invectivas pessoais nas quais o pensamento filosófico cede lugar a uma ofensiva vulgar. O terreno sólido em que o rei parecia pisar se transforma em areia movediça. A última decisão lhe arranca a autoridade real; a responsabilidade tão ciosamente evocada desaparece; o poder se dilui; e sua própria personalidade se dissolve.

É essa a especificidade da caracterização senequiana do Agamêmnon de *As troianas*: uma incoerência que não é um defeito de construção, mas, sim, o traço principal do caráter do rei, do personagem “coerentemente incoerente”, conforme disse Aristóteles na *Poética* (1454a)⁵², ao mencionar a coerência como uma das qualidades que devem ser observadas na representação dos caracteres.

Essa caracterização diferencia o Agamêmnon de *As troianas* das anteriores figurações do rei, presentes na épica e na tragédia, que poderiam ter servido como fonte de inspiração para o teatrólogo latino. Seus traços são diferentes dos que configuram o Atrida citado nos primeiros versos da *Ilíada* como o causador da *mênis* de Aquiles – o tema da epopeia, segundo afirma o aedo-narrador, em

⁵⁰ Veja-se, por exemplo, no primeiro estásimo de *As troianas*, a negação dos deuses infernais (*Tro.* 402-6); ou em *Fedra* o diálogo que se trava entre a ama e a rainha, quando a anciã nega a divindade de Eros (*Phae.*195-203); ou as palavras finais encontradas na fala de Jasão, em *Medeia*, quando ele exorta a esposa a partir pelos espaços do éter e atestar que por ali não existem deuses (*Med.*1026-7).

⁵¹ Uma indagação semelhante foi feita por Wilfried Stroh (2008, p. 204), em seu artigo “Staging Seneca: the Production of *Troas* as a Philological Experiment”, publicado em coletânea organizada por John G. Fitch (2008, p.195-220).

⁵² Referindo-se às qualidades de caráter, após ter mencionado a “bondade”, a “conveniência” e a “semelhança”, Aristóteles acrescenta a “coerência”, dizendo: “E a quarta [qualidade] é a coerência: ainda que a personagem a representar não seja coerente nas suas ações, é necessário, todavia, que ela seja incoerente coerentemente” (ARISTÓTELES, 1992, p.79).

sua proposição do assunto⁵³ (*Il.* 1,1-7) –, o rei cujos traços principais – a impiedade, o egoísmo e a prepotência – ficam bem claros no primeiro canto do poema⁵⁴ (*Il.* 1,9-61 e 1,116-171). São diferentes, também, das características do Agamêmnon referido várias vezes na *Odisseia*, ora considerado como um homem desconhecedor do que os deuses esperam dos seres humanos (*Od.*3,143), ora como vítima do crime de Egisto, mas com direito a um túmulo para que sua lembrança permaneça (*Od.*3,534-9), ora como um frequentador de banquetes (*Od.*4,532), e, finalmente, como sombra impotente, habitante do mundo dos mortos (*Od.*11,387-405).

O Atrida de *As troianas* se diferencia, ainda, do rei, presente no *Agamêmnon*, de Ésquilo, quando vamos encontrá-lo, inicialmente em referências⁵⁵ e, depois, como personagem propriamente dito, aclamado pelo corifeu que lhe lembra os feitos (*Aga.*782-809) e se revelando piedoso, humilde e cordial, ao falar em saudar a cidade e os deuses antes de entrar vitorioso no palácio (*Aga.*810-54) e ao fazer um cumprimento agradecido a Clitemnestra dialogando com ela, aceitando-lhe o convite para ser homenageado, pedindo-lhe que acolha Cassandra e entrando no palácio onde encontrará a morte (*Aga.*914-957)⁵⁶.

O Agamêmnon de *As troianas* nada deve às figurações euripidianas presentes em *Ifigênia em Aulis* e em *Hécuba*. Em *Ifigênia* ele é o pai sofredor, cheio de dúvidas, que hesita entre ordenar o sacrifício da filha e desrespeitar a ordem divina (*Iph.* 1-200); é o chefe que discute com Menelau, tentando convencê-lo (*Iph.*365-555); é o súdito de poderes maiores que concorda com o sacrifício da jovem (*Iph.*594 ss.) e que, para que isso se concretize, ludibria a filha e a esposa com um embuste (*Iph.*869 ss.), antevendo as consequências do não cumprimento da exigência. Em *Hécuba*, Agamêmnon é o vencedor que mantém com a rainha de Troia, e, em seguida, com Poliméstor, diálogos bastante imprevisíveis, condoendo-se do sofrimento de Hécuba diante da morte de Polidoro e Políxena (*Hek.*726 ss.), dispondo-se a ouvir o rei da Trácia “para julgar os fatos com justiça” (*Hek.*1129-31) e

⁵³ Veja-se a tradução de Haroldo de Campos (2002, p.31): “A ira, Deusa, celebra do Peleio Aquiles,/ o irado desvario, que aos Aqueus tantas penas/ trouxe, e incontáveis almas arrojou no Hades/ de valentes, de heróis, espólio para os cães,/ pasto de aves rapaces; fez-se a lei de Zeus;/ desde que por primeiro a discórdia apartou/ o Atreide, chefe de homens, e o divino Aquiles” (*Il.*1,1-7).

⁵⁴ Vejam-se, por exemplo, as informações sobre o desrespeito de Agamêmnon em relação a Apolo, sequestrando Criseide, filha de Crises, o sacerdote do deus, e sua negativa ante o pedido de resgate, feito pelo pai ultrajado – fato que redundou na peste que acometeu os soldados (*Il.*1,9-61) –, como também sua posterior concordância em devolver a moça, desde que ficasse com Briseide, a amada de Aquiles. Tal atitude determinou o arrebatamento da jovem e a decorrente consequência: a dissidência entre os dois chefes e a saída do tésalo do cenário da guerra, causada por uma justa cólera (*Il.*1,116-171).

⁵⁵ Agamêmnon é referido pelo arauto, no prólogo (*Aga.*1-39), como regozijadora esperança de vitória e regresso (8-11; 20-35). É citado pelo coro, no párodo (*Aga.*40-257), inicialmente como participe na guerra e adversário vitorioso de Príamo (*Aga.*40-71); e mais adiante como o que atendeu ao designio dos deuses, determinando a execução da própria filha (*Aga.*182 ss.). É evocado por Clitemnestra no 1º episódio, em seu diálogo com o corifeu, ao ser mencionado como quem enviou de longe os sinais da vitória (*Aga.*258-354).

⁵⁶ O rei só vai reaparecer no final do quarto episódio, agora apenas como a voz desesperada de um moribundo, quando, realizando-se os vaticínios de Cassandra, seus gritos de dor, decorrentes dos golpes mortais que sofreu, são ouvidos pelo coro (*Esch.* *Aga.*1343-45).

demonstrando certa solidariedade para com a velha rainha ao considerá-lo digno do castigo⁵⁷.

O próprio Sêneca, na tragédia *Agamêmnon*, constrói uma figuração do rei de Micenas de forma bastante diferente da que construiu em *As troianas*. Enquanto nesta o rei faz parte do grupo dos vencedores, no *Agamêmnon*, como ocorrera na tragédia homônima de Ésquilo, ele vai ser a grande vítima da tragédia. Seu nome, antes que ele entre em cena, é mencionado por alguns personagens⁵⁸, mas sua primeira aparição só ocorre no fim do terceiro episódio (782), quando, ao chegar ao palácio, saúda a terra pátria pela qual lutara durante tanto tempo. Nesse momento, numa atitude surpreendente, ao ver Cassandra perturbada e, depois, desfalecida, preocupa-se com a amante; pede ajuda aos criados e procura tranquilizar a jovem que, aos poucos, volta a si⁵⁹ (787-91).

Comparando-se as duas tragédias de Sêneca, podemos observar as profundas diferenças existentes na composição dos dois figurantes do mesmo personagem. Daí a especificidade da caracterização do Agamêmnon de *As troianas*, texto no qual a justaposição dos traços da personalidade do rei conduz a um denominador comum, tornando significativamente imprevisto e original o caráter construído e burilado pelo tragediógrafo latino.

Referências bibliográficas:

- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. de Eudoro de Souza. São Paulo: *Ars poetica*, 1992.
- CAMPOS, Haroldo. *Ilíada de Homero*. Vol. I. Introdução e organização de T. Vieira. São Paulo: Editora Mandarim, 2002.
- CARDOSO, Z. A. *Estudos sobre as tragédias de Sêneca*. São Paulo: Alameda, 2005.
- ÉSQUILO. *Oresteia I. Agamêmnon*. Estudo e tradução. Jaa Torrano. São Paulo: Fapesp / Iluminuras, 2004.
- EURÍPIDE. *Iphigénie à Aulis*. Texte établi et traduit par François Jouan. Paris: Les Belles Lettres, 1983.
- EURÍPIDES. *Teatro Completo*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Ed. Iluminuras, vol 1: 2015; vol 2: 2016; vol 3: 2018.
- EURÍPIDES. *Dois tragédias gregas. Hécuba e Troianas*. Tradução e introdução de Christian Werner. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

⁵⁷ Na antiga Roma, embora alguns dos primeiros poetas trágicos, que viveram de meados do século 3 a.C. ao final do período republicano, tivessem explorado fatos relacionados com a guerra de Troia, dos poucos fragmentos que subsistiram não se pode depreender muita coisa quanto às configurações do Atrida.

⁵⁸ No prólogo (Sen. *Aga*.39), quem faz referências a Agamêmnon é a sombra de Tiestes, que se afasta do inferno e volta ao palácio real onde se perpetrará mais um *nefas*; no primeiro episódio, no diálogo que ocorre entre a ama e Clitemnestra, ao falar de sua nova paixão, de sua hesitação em tomar decisões, de sua luta interior, a rainha se refere ao esposo, traçando o retrato de um homem insensível, cruel, volúvel e devasso (108-225); na conversa que mantém em seguida, com Egisto, este procura dissuadi-la da ideia de uma possível reconciliação, lembrando-a de que Agamêmnon certamente retornaria ainda mais orgulhoso do que antes, mais arrogante e severo (226-309).

⁵⁹ *Famuli, attolite,/ refouete gelido latice. Iam recipit diem/ marcente uisu. Suscita sensus tuos:/ optatus ille portus aerumnis adest./ Festus dies est – Aga.787-791* (“Escravos, levantai-a; / reanimai-a com água fresca. Ela recupera o alento,/ com o rosto abatido. Retoma teus sentidos;/ aqui está o porto, desejado por teus sofrimentos./ O dia é de festa”).

- FITCH, John G. (Edit.). **Seneca**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- GRIMAL, P. **Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine**. Paris: Presses Universitaires de France, 1951.
- HOMÈRE. **L'Odyssée**. Traduction nouvelle avec introduction, notes et index par M. Dufour et J. Raison. Paris: Garnier, 1947.
- SÊNECA/ SALÚSTIO. **Tratado sobre a clemência. Introdução, tradução e notas de I. Braren/ A conjuração de Catilina. A guerra de Jugurta. Introdução e tradução de A. S. Mendonça**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- SÊNECA, L. A. **Tragédias. A loucura de Hércules. As troianas. As fenícias**. Tradução, introdução, apresentações e notas de Z. A. Cardoso. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- SÊNEQUE. **Tragédies**. Texte établi et traduit par L. Herrmann. Paris: Les Belles Lettres, 1971 (Vol. I).
- STROH, Wilfried. Staging Seneca: the Production of *Troas* as a Philological Experiment. In: FITCH, John G. (Edit.). **Seneca**. Oxford: Oxford University Press, 2008, pp. 195–220.
- TEMMERMAN, K.; BOAS, E. E. **Characterization in Ancient Greek Narrative**. (Mnemosyne Supplements Vol. 411). Leiden/Boston: Brill, 2017.

